OS ANOS 1970

As artes em um Brasil amordaçado

Vittorio Pastelli

USM

2020

Palavras iniciais

Vistos com quatro décadas de distanciamento, os anos 1970 trazem à mente, em primeiro lugar, o signo da repressão política. Em dezembro de 1968, o governo militar promulga o AI-5, que na prática coloca sob suspeita qualquer manifestação que não esteja de acordo com a ideologia oficial do "Brasil Grande", do "Brasil, Ame-o ou Deixe-o". São anos de um presidente de radinho de pilha ao ouvido, torcendo pela seleção tricampeã de futebol, dos grandes projetos, do Brasil no Clube Atômico (quando o governo assina um danoso acordo nuclear com a Alemanha), do Brasil, enfim, nas palavras de um Ernesto Geisel exaltado diante de trabalhadores reunidos para comemorar o 1º de maio em 1977, que experimenta uma "democracia relativa".

O clima político punha entre parênteses qualquer projeto cultural mais ambicioso e os protagonistas da cultura dos anos 1960 se viram obrigados ao exílio, à conformidade ou ao silêncio.

Mas o quadro apresentava também, nas bordas, uma florescente cultura dita marginal. Não era possível falar no grande cinema? Então, que fosse no Super-8. Não era possível uma literatura veiculada pelas grandes editoras? Então, que o mimeógrafo e a distribuição de mão em mão se encarregassem de divulgar as novas ideias.

E é nessa cultura marginal, em um teatro que vivia sempre o ciclo do abre-e-fecha, pois as peças estreavam para ser, em seguida, interditadas, que encontramos a riqueza dessa década.

"Vazio cultural", como alguns críticos a definiram? Talvez isso seja severo demais. É a década da sedimentação do pop, da instalação no Brasil de uma indústria televisiva e fonográfica dentro de cujos moldes nos movíamos ainda até há pouco, quando o espectador-interator "multitelar" entrou em ação. De ouro lado, década da experimentação marginal que, logo depois, beneficiada pela "distensão lenta e gradual", definiria gostos e temas que seriam desenvolvidos nos 20 anos seguintes.

O texto que segue faz um sobrevoo panorâmico da época. No apêndice, o leitor encontrará uma pequena cronologia do período 1968-1979.

LITERATURA

Fragmentação marca a poesia do período

Aos 16 anos, matei meu professor de lógica.
Invocando legítima defesa —e qual defesa seria mais legítima?—
logrei ser absolvido...
Campos de Carvalho
"A Lua Vem da Ásia"

Nos anos 50, Campos de Carvalho matava convictamente seu professor de lógica. Nos anos 60, livres dessa disciplina, as artes experimentaram as drogas, as cores fortes, o flerte com o oriente. Nos anos 70, iniciaram a lenta transição ao pós-moderno, à alusão e a um certo desencantamento com a possibilidade de ser realmente novo.

Talvez, pensavam os protagonistas desse período, a literatura encontrasse um campo maior de atuação se se aliasse à performance, à música ou às artes plásticas. E é assim que vamos encontrar poesia fluindo em prosa, poesia subindo ao palco para se apresentar com música ou poetas se associando a artistas visuais.

Além dessa procura de pontes com outras formas de expressão, a literatura dos anos 70 —e em especial sua poesia— enfrentava um problema prático: as letras estão presas a um esquema comercial ditado pelas grandes editoras, pelos distribuidores e por um jornalismo crítico que tem olhos quase exclusivamente voltados para essa produção tradicional. Era então necessário fragmentar-se, produzir de forma alternativa —o mimeógrafo é outro ícone do período—, vender diretamente ao leitor. Essa fragmentação, tanto no campo do conteúdo como na forma de se apresentar para o público, é resumida em uma passagem do poeta Torquato Neto: *ocupar espaço, amigo, eu digo: brechas: é por elas. eu acredito firme que sem malandragem não há salvação*.

Essas brechas seguem então pelo coloquialismo, às vezes chegando ao palavrão mais escancarado, pelas experiências formais herdeiras do concretismo dos anos 50 e por trabalhos que mesclam essas tendências em diferentes graus. Tais brechas e malandragens são também uma necessidade frente à então forte censura à expressão, obrigando os poetas à elipse e à informação passada nas entrelinhas. (No período, corria a história de um censor de jornal que perguntara a um dos editores: "Mas onde ficam as entrelinhas, afinal?")

CINEMA E VÍDEO

A convivência da indústria e do udigrúdi

Indústria e underground conviveram bem na década de 1970 como em nenhuma outra época da história do cinema brasileiro.

De um lado, a pornochanchada mobilizava atores, diretores e técnicos e tinha público fiel nos cinemas.

Do lado underground, esses dez anos marcam o florescimento do super-8, um meio técnico muito eficiente e barato que disseminou o fazer cinema entre os jovens que teriam, de outra forma, poucos recursos para produções mais ambiciosas. Na década seguinte, o super-8 estaria completamente desbancado pelo vídeo, muito mais barato e eficiente, já que dispensa manipulações de laboratório fotográfico.

Dessa época é o mais underground dos cineastas (e fotógrafos) brasileiros, Ivan Cardoso, com fitas importantes como *Piratas do Sexo Voltam a Matar* (1970) e *Nosferatu no Brasil* (1971). Em linguagem da época, tratava-se de cinema *udigrúdi*. Depois, ele seria o fundador do terrir, emblematizado em seu hoje clássico *O Segredo da Múmia*, de 1981.

HQ

Quadrinhos traduzem contradições da década

As histórias em quadrinhos foram o último fruto expressivo do século 19. A primeira projeção de cinema acontecera em 1895 e, um ano depois, começaram a circular nos Estados Unidos as histórias do "Menino Amarelo".

Desde então, a linguagem dos quadrinhos vem se sofisticando, tanto em termos de texto como de técnica de desenho. As tirinhas lineares do Menino Amarelo e dos super-heróis dos anos 1930 vão cedendo lugar a narrativas mais complexas, jogos de câmara e cortes bruscos, como no cinema de Welles. E, assim, um público mais educado começa a prestar atenção a essa produção que inicialmente visava só ao gosto popular.

No Brasil, 1951 marca uma virada, com a *Primeira Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos*. A indústria no país já é então muito ativa e produz em todos os gêneros.

Vêm os anos 1960 e as HQs chegam à prestigiosa Bienal Internacional de São Paulo e é também no Brasil que se monta uma versão da grande exposição retrospectiva *Histórias em Quadrinhos e Figuração Narrativa*, aberta primeiramente em Paris, em junho de 1967.

Os anos 1970 absorvem essa tradição, ao mesmo tempo popular e erudita —como o é o cinema— e produzem marcos como *Maus*, de Art Spiegelman (1972), que conta toda a saga de uma família de judeus alemães durante o nazismo e, do lado mais popular, tirinhas que até hoje acompanham o dia-a-dia dos jornais, como Hagar (de 1973) ou Garfield (de 1978). No Brasil, a história em quadrinhos, a charge, o cartum e a tirinha de jornal cobrem todos os gêneros em que essa mídia se exercita. Maurício de Sousa, Henfil, os cartunistas ligados ao Pasquim, como Millôr Fernandes e Jaguar, são fundamentais para entender essa década tão contraditória. É em seu traço que são encontradas seja a crítica mais direta ao regime militar (como nas histórias do Fradim, de Severino e da Graúna, de Henfil), o cinismo irônico de Sig, o rato-pensador de Jaguar, ou a ingenuidade dos companheiros de Mônica, de Maurício de Sousa.

DANÇA

Época de experimentações cenográficas

Será possível uma "revolução pela dança"? "Certamente, sim", seria a resposta de um coreógrafo engajado, no início dos anos 1970. Deixando de lado as coreografias que se filiavam do balé clássico e os temas consagrados, a dança se aproxima — e perigosamente, para as autoridades — do teatro. Existem coreografias, como antes. Mas também roteiros elaborados, cenários alusivos à realidade vivida na rua, movimentos que sugerem ideias potencialmente subversivas.

(Vale lembrar que, em março de 1976, a censura proibiria a rede Globo de transmitir um espetáculo do Balé Bolshói. Pelo conteúdo ou pelos temas e movimentos? Provavelmente por ambos. O assunto se tornaria título de um livro do então senador Paulo Brossard, "O Balé Proibido".)

É nesse cenário que a dança brasileira se movimenta em dois eixos principais: conteúdo e forma.

Quanto ao conteúdo, destaca-se o Ballet Stagium, com suas coreografias que denunciam os problemas sociais do país (ainda não se falava em minorias, pois não era uma época politicamente correta; falava-se, então, apenas em grupos marginalizados, como negros e índios). A novidade da expressão, isto é, a nova forma de usar a coreografia no palco, permitiu uma certa liberdade de criação, e os espetáculos do Stagium alcançaram notoriedade popular, não se restringindo a apresentações apenas para intelectuais ou estudantes.

Mas a linguagem do meio, independentemente do conteúdo que veiculasse, também precisava de renovação. Foi isso o que sentiram —e passaram a pesquisar— artistas como J. C. Viola, Marilena Ansaldi e Ivaldo Bertazzo, para citar uns poucos apenas dos que se dedicaram a uma revisão da linguagem coreográfica, especialmente na segunda metade da década.

TEATRO
Grupos jovens recusam oposições estabelecidas

Se o ambiente propiciado pela censura e pelo AI-5 está pesado, então o jeito é sair da linha e recusar o discurso de crítica, que caracteriza uma boa parte da arte que faz oposição ao regime militar.

No teatro, enquanto Guarnieri mostra, em "Ponto de Partida", o drama que cerca um homem que aparece sem explicação enforcado, em uma clara alusão ao então recente caso da morte de Wladimir Herzog, outros grupos buscam uma expressão alternativa, dita marginal, que rejeita o estado de coisas vigente não pela crítica, mas pelo deboche.

Alguns anos antes, não foi diferente a opção dos músicos e poetas tropicalistas: o Brasil carece de liberdade de expressão, mas a crítica pode ser feita pela negação dos termos da discussão e pela afirmação de uma alegria que floresce à margem dos impasses políticos entre direita e esquerda, entre governo e "subversivos".

É nesse sentido que se encaminha um novo teatro, que traz para o palco montagens em que os textos falam da desrepressão sexual baseada em Reich, do uso de drogas, do rock e do ideário de jovens que, chegando à maturidade dentro do regime militar, movimenta-se dentro de oposições diferentes daquelas da juventude de 15 anos antes. Para eles, os termos da Guerra Fria e a dicotomia esquerda-direita começam a perder significado, o que resulta em uma produção cuja marca é a não aceitação de soluções apenas políticas para os dilemas sociais.

É nesse contexto que devem ser entendidas montagens como *Tarzã Terceiro Mundo* e *Rito do Amor Selvagem* (1970), *Gracias, Señor* (1972) ou *Somma - Os Melhores Anos de Nossas Vidas* (1974), para citar alguns marcos. Toda essa vertente de teatro dito, então, alternativo, culmina na montagem coletiva, em 1977, de *Trate-me Leão*, de Hamilton Vaz Pereira, Regina Casé, Luiz Fernando Guimarães, Perfeito Fortuna, Patrícia Travassos e Evandro Mesquita.

ARTES VISUAIS

Uma década de experimentação e crítica engajada

Depois de uma década de experimentações que foram da abstração às novas figurações, do concreto ao novo realismo, exercido pelas ditas novas vanguardas, as artes visuais nos anos 1970 se fragmentam em microtendências em que a pesquisa continua e o que é mais notável é a radicalização de procedimentos.

Embora a década seja marcada por acontecimentos políticos importantes —afinal, foi aproximadamente da decretação do AI-5, em 1968, até a promulgação da Anistia, em 1979—, o fato é que tem pouco sentido usar o cenário político como fator preponderante na tentativa de entender as artes visuais do período.

Os anos 1970 são um tempo de arte conceitual, um tempo em que os artistas se exercitavam em materiais diferentes dos tradicionais, examinavam qual o limite dos suportes em que se davam as artes e criavam arte que prescindia de todo suporte material. Atitude de experimentação artística sim, mas também de crítica política mais ampla, não apenas ao regime militar, mas a um mercado que valoriza a arte como mercadoria, em detrimento da fruição estética.

MÚSICA

Música e direitos humanos

No dia 10 de dezembro de 2001, no Teatro Municipal de São Paulo, foi remontado um espetáculo que emblematizara os anos 1970 ao unir diversão popular e engajamento político. Trata-se de *Direitos Humanos no Banquete dos Mendigos*, protagonizado originalmente em 1973 —e novamente hoje— por Jards Macalé.

A data é especial: trata-se do Dia da Declaração Universal dos Direitos do Homem. Voltando no tempo, enquanto a música popular seguia ao som de *Eu te Amo Meu Brasil*, de Don e Ravel, e o país cantava as glórias da seleção de 70 com *Pra Frente Brasil*, uma outra música, também popular, se desenvolvia às margens desse ufanismo de ocasião.

E as tendências eram tantas que um painel completo tornaria necessária a realização de um longo festival. Do popular performático dos *Secos e Molhados* à experiência jazzística da *Academia de Danças*, de Egbeto Gismonti, ou aos instrumentos inusitados de Hermeto Pascoal; do *Som Imaginário* de Wagner Tiso à concretude seca da interpretação de Tony Tornado de *Na BR-3*.

Em 1973, ainda antes do governo Ernesto Geisel, no qual se daria uma "abertura lenta e gradual", Macalé promoveu esse evento no MAM do Rio de Janeiro. Trechos da Declaração Universal dos Direitos Humanos eram lidos e músicos se revezavam no palco. Entre eles, Paulinho da Viola, Jorge Mautner, o próprio Jards Macalé, Edu Lobo, Chico Buarque, MPB-4, Luís Melodia, Édison Machado, Mílton Nascimento, Dominguinhos, Gal Costa e Raul Seixas.

Só seis anos depois Macalé conseguiu lançar em disco trechos do espetáculo, com o nome *Direitos Humanos no Banquete dos Mendigos*, alusivo ao LP *Beggar's Banquet*, dos Rolling Stones, de 1968.

DESIGN
Cotidiano 70: do entretenimento à propaganda

"Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada".
Jingle para as calças US-Top

Herdeiros diretos da rebeldia de 1968, os jovens dos anos 1970 queriam ser diferentes, queriam jeans, cabelos longos, barba por fazer, amor livre, enfim: sexo, drogas e rock-and-roll. A reação madura a essa tendência gerava jingles como o da US-Top, que já demarcava outro campo: a absorção dessa rebeldia pelo mercado. Quer ser diferente? Então use nossa grife!

Em quem confiar? "Você pode confiar na Shell". O que pôr no tanque do carro? "Ponha um tigre no seu carro, é potência é sucesso, é o tigre da Esso que acabou de chegar!". Dentes mais brancos? "Kolynos. Ah, melhor do que nunca!" Mau hálito? Binaca. Por que tomar Pepsi? Porque "só tem amor quem amor pra dar, só o sabor de Pepsi que mostra o que é amar...". E, mais terra-a-terra, onde guardar dinheiro? Ora, "Nesse Natal, lembre-se de mim, dê para quem ama um cofrinho da Delfin...".

Todos esses jingles traduzem uma época em que, ao Brasil, chegavam os ecos dos movimentos para uma maior liberdade sexual, pela emancipação da mulher (quem tem mais de 40 vai se lembrar da querida Betty Friedan, que, em 1966, fundara sua NOW, Organização Nacional de Mulheres, nos EUA). Havia também um sentimento de que as guerras poderiam ser superadas pelo diálogo ("All you need is love"), de que a ciência tinha menos promessas que perigos e de que o oriente poderia trazer alguma luz para as perdidas almas jovens ocidentais, embaladas ao som monocórdico de Ravi Shankar. (A propósito de como os tempos mudam, o músico está hoje na nada oriental e nada antitecnológica Internet, http://www.ravishankar.org/.)

Na TV, é a década do *Fantástico* (1973), de *O Bem Amado*, novela de Dias Gomes, a primeira colorida da TV brasileira (1973 também), do *Telecurso 2º Grau* (1978). Dos três exemplos, dois continuam em plena atividade, mesmo depois da virada do século. É a época em que as novelas das 22h, voltadas aos adultos já livres das crianças devidamente despachadas para a cama, podiam se dar à ousadia de exibir Ziembinsky em *O Rebu*, de Bráulio Pedroso, uma trama experimental que se desenvolve toda dentro de uma festa. (Detalhe: trilha sonora de Raul Seixas e Paulo Coelho.)

LINHA DO TEMPO 1968 | 1979

dezembro 1968	O governo Costa e Silva promulga o AI-5 que, entre outras medidas, decreta recesso do Congresso por tempo indeterminado.
junho 1969	Lançado no Rio o semanário Pasquim. Em suas páginas, estão Paulo Francis, Millôr Fernandes, Jaguar, Henfil e outros.
julho 1969	Depois de uma viagem de três dias, o astronauta norte-americano Neil Armstrong é o primeiro ser humano a pisar na Lua.
agosto 1969	Meio milhão de jovens se reúnem no festival de Woodstock. Além do rock, manifestações pelo fim da guerra no Vietnã.
setembro 1969	Governo decreta o AI-13, que prevê o banimento de "brasileiros indesejáveis" e o AI-14, que pune terroristas com morte.
janeiro 1970	Alfredo Buzaid, ministro da Justiça, baixa decreto "para combater o comunismo internacional que insinua o amor livre".
abril 1970	Paul McCartney anuncia, pouco antes do lançamento do álbum "Let it Be", o fim do grupo pop britânico Beatles.
junho 1970	O general Emílio Médici anuncia o projeto de ocupar a Amazônia, construindo três mil quilômetros de rodovias.
junho 1970	A seleção brasileira fica em definitivo com a taça Jules Rimet, ao vencer a Itália por 4 a 1, na Cidade do México.
julho 1970	Hélio Bicudo começa a investigar os crimes atribuídos ao "Esquadrão da Morte", que já teria matado mais de 100 pessoas.

novembro 1970	Mudança progressista na Igreja: d. Paulo Evaristo Arns assume a direção da Arquidiocese Metropolitana de São Paulo.
dezembro 1970	O filme *Os Deuses e os Mortos*, de Rui Guerra, ganha o grande prêmio no 6º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.
fevereiro 1971	A peça *Hair*, inaugura o Teatro Aquarius, em São Paulo, e é criticada pelo ministro da Educação, Jarbas Passarinho.
abril 1971	Morre vítima de infarto o compositor russo naturalizado norte-americano Igor Stravinsky, aos 88 anos, em Nova York.
julho 1971	O papa Paulo 6º proíbe a entrada em igrejas de mulheres com "roupas indecentes". Seu alvo: a recém-criada minissaia.
setembro 1971	Morre em tiroteio no interior da Bahia o ex-capitão do Exército, terrorista e líder revolucionário Carlos Lamarca.
novembro 1971	O Rio de Janeiro assiste ao desabamento de parte da via elevada Paulo de Frontin, que levou à morte 28 pessoas.
janeiro 1972	Desembarcam no Rio Caetano Velloso e sua mulher, Dedé, que voltam de exílio voluntário de dois anos e meio em Londres.
janeiro 1972	Richard Nixon anuncia que, até 1º de maio, retirará 70 mil soldados do Vietnã, o que indica a saída dos EUA do conflito.
fevereiro 1972	O mais longo aperto de mãos já mostrado na TV acontece em Pequim, entre Richard Nixon e o líder chinês Mao Tsé Tung.
fevereiro 1972	O edifício Andraus, no centro de São Paulo, pega fogo. Dois anos depois, seria a vez da tragédia do edifício Joelma.
fevereiro 1972	Acontece a primeira transmissão pública de TV em cores no Brasil, que mostra cenas da Festa da Uva, em Caxias do Sul.

junho 1972	Leila Diniz morre em acidente aéreo. Ela voltava de um festival na Austrália, onde havia ganho o prêmio de melhor atriz.
agosto 1972	No Rio, a música popular brasileira perde a intérprete Dalva de Oliveira e o teatro e a TV, o ator Sérgio Cardoso.
setembro 1972	Setembro negro: comando palestino invade alojamento de Israel durante as Olimpíadas de Munique. No final, 18 mortos.
setembro 1972	No 8º Festival Internacional da Canção, o compositor Walter Franco causa polêmica com a apresentação de "Cabeça".
abril 1973	Morre em Mougins, França, país em que se radicara em 1904, o artista plástico espanhol Pablo Picasso, aos 91 anos.
junho 1973	A censura brasileira tira de cartaz os filmes *Toda Nudez Será Castigada*, *Sacco e Vanzetti*, *Queimada*, entre outros.
julho 1973	O coreógrafo Lennie Dale apresenta em São Paulo o espetáculo *Dzi Croquetes*, em temporada no Teatro 13 de Maio.
setembro 1973	Cai o governo constitucional do Chile: Salvador Allende é deposto e assassinado em Santiago. Assume Augusto Pinochet.
dezembro 1973	A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) dobra o preço do barril de petróleo (5,5 para 11,10 dólares).
dezembro 1973	Dia de Natal: emboscada no Araguaia preparada pelo Centro de Informações do Exército mata 15 guerrilheiros do PC do B.
janeiro 1974	Ulisses Guimarães é o "anticandidato" do MDB às eleições presidenciais indiretas. Seu vice é Barbosa Lima Sobrinho.
março 1974	Augusto Pinochet sugere a união entre Brasil, Chile, Uruguai e Paraguai, para combater o comunismo no cone Sul.

março 1974	O presidente Emílio Médici inaugura a Ponte Presidente Costa e Silva, que liga a cidade do Rio de Janeiro a Niterói.
abril 1974	Em Portugal, Marcelo Caetano, vice de Antônio Salazar, cai na Revolução dos Cravos, liderada por Antônio de Spínola.
julho 1974	Morre Juán Domingo Peron, aos 78 anos. A presidência da Argentina passa para sua vice e esposa Isabelita Peron.
julho 1974	Morre Oduvaldo Vianna Filho, aos 36 anos. Entre outras, escreveu as peças teatrais *Rasga Coração* e *Alegro Desbum*.
agosto 1974	Richard Nixon, pressionado pelas denúncias do caso Watergate, renuncia à presidência dos EUA. Assume Gerald Ford.
novembro 1974	Eleições para o legislativo brasileiro. O MDB, oposição ao regime, vence por larga margem em praticamente todo o país.
janeiro 1975	Morre assassinado no Rio, dentro do presídio Hélio Gomes, Lúcio Flávio, último bandido romântico brasileiro.
março 1975	Toma posse do governo do recém-criado Estado do Rio de Janeiro (que agora engloba a Guanabara) o almirante Faria Lima.
maio 1975	A peça *Abajur Lilás*, de Plínio Marcos, é censurada e as casas de teatro de São Paulo fecham suas portas em protesto.
junho 1975	Ernesto Geisel diz que o Brasil, ao assinar o acordo nuclear com a Alemanha Ocidental, entra para o "clube atômico".
agosto 1975	A novela de Dias Gomes, *Roque Santeiro*, é interditada pela censura. Ela seria refeita e exibida dez anos depois.
outubro 1975	Morre dentro do 2º Exército, em São Paulo, o jornalista Wladimir Herzog, vítima de tortura. O Exército alega suicídio.

novembro 1975	Morre o escritor gaúcho Érico Veríssimo. Estava então terminando o segundo volume de suas memórias, *Solo de Clarineta*.
março 1976	Isabelita Peron é apeada do poder por um golpe militar, que suspende todas as liberdades políticas na Argentina.
março 1976	A censura veta a exibição pela TV Globo do balé Bolshói. O fato viraria título de livro do então senador Paulo Brossard.
agosto 1976	No Rio, anticomunistas explodem bombas nas sedes da Ordem dos Advogados do Brasil e Associação Brasileira de Imprensa.
outubro 1976	Começa na Rede Globo a transmissão da novela mais exportada pela emissora até hoje: *A Escrava Isaura*, com Lucélia Santos.
dezembro 1976	Um câncer mata, aos 36 anos, o teatrólogo Paulo Pontes, autor de *Gota d'Água* e de *Um Edifício Chamado 200*.
janeiro 1977	Estreia no Teatro Taib, em São Paulo, a peça *Ponto de Partida*, de Gianfrancesco Guarnieri e música de Sérgio Ricardo.
abril 1977	O "Pacote de Abril" do governo Geisel institui eleições indiretas para governador de Estado e senadores "biônicos".
abril 1977	Depois de seguidos atritos com a censura, a direção do jornal de esquerda *Opinião* desiste de fazê-lo circular.
maio 1977	Novo conceito político: Ernesto Geisel afirma, em discurso de 1º de Maio, que o país vive uma "democracia relativa".
junho 1977	O Congresso Nacional aprova a emenda constitucional do senador Nélson Carneiro (MDB-RJ) que institui no país o divórcio.
junho 1977	O governo cancela a realização da 29ª Reunião Anual da SBPC. Apesar disso, ela se realizaria em julho, na PUC-SP.

julho 1977
O semestre letivo na UnB começa com o câmpus invadido por 500 policiais. Cerca de 250 docentes e estudantes são presos.

setembro 1977
Comandados pelo coronel Erasmo Dias, policiais militares invadem violentamente o câmpus da PUC-SP. Mil são presos.

dezembro 1977
Ernesto Geisel anuncia o fim do AI-5. Promulga "instrumentos de salvaguarda" e mantém as regras das eleições de 1978.

dezembro 1977
Morrem no Brasil a escritora Clarisse Lispector, 50, e, na Suíça, o diretor e ator de cinema Charles Chaplin, 88.

janeiro 1978
Definida no Brasil a chapa para a futura Presidência: Figueiredo-Aureliano Chaves. No Chile, plebiscito apoia Pinochet.

fevereiro 1978
Liberado no Brasil o filme *Laranja Mecânica*, de 1971. Tem de ser exibido com bolinhas pretas cobrindo a genitália dos atores.

março 1978
Sequestrado em Roma pelas Brigadas Vermelhas, o primeiro-ministro Aldo Moro. 54 dias depois, seria encontrado morto.

abril 1978
Ernesto Geisel assina decreto que regulamenta a profissão de artista e técnico especializado em espetáculos de diversão.

junho 1978
O governo federal determina o fim da censura prévia nos jornais *Movimento*, *O São Paulo* e *Tribuna da Imprensa*.

julho 1978
Incêndio destrói dois andares do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. As obras perdidas valeriam US$ 15 milhões.

julho 1978
Nasce na Inglaterra o primeiro bebê obtido por inseminação extracorpórea. O "bebê de proveta" é uma menina: Louise.

agosto 1978
João Paulo 1º é eleito papa, no lugar de Paulo 6º. Morreria dois meses depois, dando lugar ao atual papa, João Paulo 2º.

outubro 1978	Colégio eleitoral elege presidente João Figueiredo. Começa a era do "prendo e arrebento quem for contra a democracia".
novembro 1978	Tragédia na Guiana: o reverendo Jim Jones ordena que seus seguidores se suicidem. 913 pessoas são encontradas mortas.
janeiro 1979	Fim do AI-5, das penas de morte, prisão perpétua e banimento do país. É restabelecido o direito a "habeas corpus".
fevereiro 1979	Primeira invasão da embaixada dos EUA em Teerã (Irã). Na segunda, em novembro, o prédio ficaria 15 meses tomado.
março 1979	Acidente na usina nuclear de Three Mile Island, nos EUA. Mesmo a parte não danificada só seria reativada em 1985.
junho 1979	Governo federal envia ao Congresso projeto de anistia parcial, que não contempla condenados por atos terroristas.
junho 1979	O teatro e o cinema brasileiros perdem um de seus atores mais populares, João Procópio Ferreira, nascido em 1898.
julho 1979	Depois de uma guerra civil com 20 mil mortos, os Sandinistas depõem o ditador Anastasio Somoza, que se asila nos EUA.
setembro 1979	A empresa japonesa Sony lança um novo aparelho portátil que conjuga rádio estéreo e fita cassete: é o *Walkman*.
outubro 1979	Dez mil vão ao aeroporto do Galeão receber o líder comunista Luís Carlos Prestes, que volta de exílio de oito anos.